

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro □ Segunda-feira, 12 de setembro de 1977

LONGE, MAS A CAMINHO DO PARAÍSO

Roberto Pontual

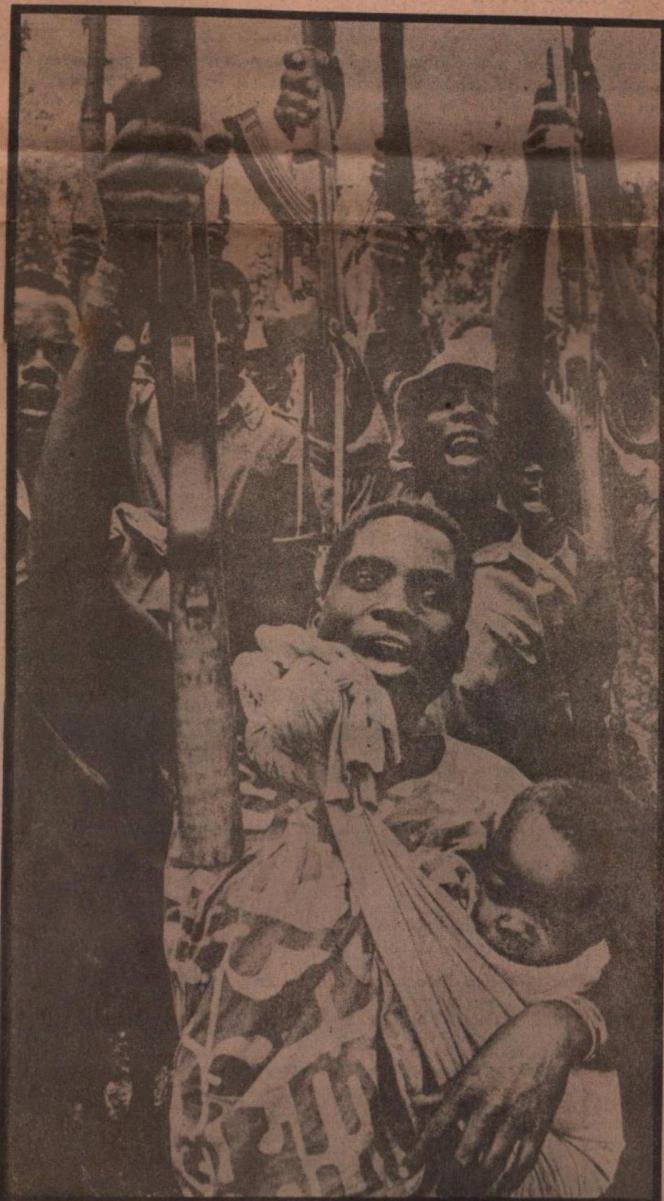


Itália (Gilles Ehrmann)

caderno
B



Holanda (Les Wiegman)



Mozambique (Gérard Klijn)



Brasil (Rudi Herzog)

NINGUEM resiste a folhear página por página o catálogo que se editou originalmente para a 3a. Exposição Mundial de Fotografia, organizada pela revista alemã *Stern*. Ninguém deixará também de espantar-se e demorar-se frente às 434 pranchas ampliadas que a compõem e que estarão entregues ao olhar do público carioca a partir da próxima terça-feira, na Escola de Artes Visuais (Parque Laje), sob os auspícios do Consulado-Geral da República Federal da Alemanha e do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, depois de exibidas em São Paulo. No entanto, muitos se perguntarão sobre o porquê do título dado ao conjunto da amostragem — *A Caminho do Paraíso*. E que parecerá haver contradição entre o otimismo que essas palavras veiculam e a visão trágica do mundo, ou o registro das nossas tragédias cotidianas, que a maioria das fotos termina transmitindo.

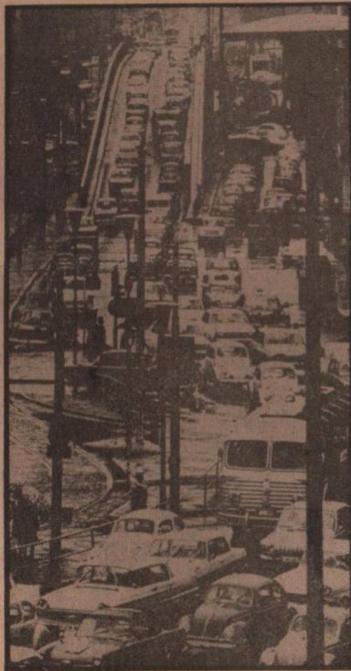
Cidades imensas de puro cimento, onde os seres humanos são pontos indistintos; tendas, palhoças, casebres, cabanas e cavernas, habitadas hoje como em tempos imemorais; maceiras de toda espécie de guerra, a mão decepada que um arame farpado ainda prende, o corpo visível por dentro através do buraco na carne que uma bomba qualquer lhe arrancou das costelas, o sangue salpicado, a criança e o fuzil; linhas cruzadas de fés políticas, vietnãs, cabeças caídas, grades para prisioneiros, líderes e liderados; as afluências da sociedade, muitos carros, muitos cuidados caros, muitos cosméticos, muitos sorrisos, muitos luxos, muitos lixos, muitos *muitos* se acumulando na rota dos cemitérios de desperdícios; os postes, os fios, os aços, os concretos, os asfaltos, as chaminés, a fumaça, a sucata, a espuma; o turismo predatório, o ambiente que também se destrói com o branco sorridente entre esplêndidos corpos negros de africanas; a multidão, a escassez, a fome, a miséria, a fome, o misticismo, a desesperança, a fuga, os carnavais, as viagens, as vizinhanças da morte, a morte, o fim ou o que não se sabe. O que têm essas imagens a ver com *paraíso*?

O texto de justificativa do tema escolhido para reger a exposição, no próprio catálogo, sugere a resposta: "Não se pode pintar realisticamente a luz sem fazer uso de sombras." E,

como diz o estudo de Rolf Rochhuth, ali reproduzido, o que alimenta o ser humano é também a esperança de um dia chegar a esse possível *paraíso* de melhores condições de vida, o outro lado do muro de seus muitos infernos passados e atuais. "Não devemos permitir que a visão seja obscurecida pelas imagens de tantos falsos caminhos tomados continuamente pela humanidade — de maneira consciente, a exposição não omite essas imagens de caminhos humilhantes, irracionais e homicidas, caminhos que levam à guerra e, em última instância, ao extermínio em massa." Assim, no quase meio milhão de exemplos da 3a. Exposição Mundial de Fotografia, misturam-se constantemente a claridade e a escuridão, o belo e o horrendo, o lírico e o trágico, a natureza e a cultura, a vida e a morte, o abandono e a esperança. Nós, seres humanos, somos como o lendário Sísifo — o rei que, nos infernos, teria sido condenado a empurrar para sempre uma pedra imensa montanha acima: toda vez, perto do cume, a pedra caía e ele voltava a repetir a sua sina.

Dai que esses 170 fotógrafos, de 86 países, agora reunidos, também nos entreguem um pouco de luz e de ar respirável. O grande mérito da mostra é, aliás, o método usado na organização e sequência dos cinco subtemas e 28 itens componentes da idéia central. *A Caminho do Paraíso*. O visitante que a examine sistematicamente na Escola do Parque Laje terá à sua disposição um percurso de extrema legibilidade. Os marcos principais do caminho são "o sonho do paraíso", "longe do paraíso", "como o homem reage?", "circunstâncias fixas" e "novos passos"; dentro deles ocorrem tópicos como a terra e seus habitantes, esperanças da vida futura, fé política, a sociedade afluyente, crise populacional, destruição do ambiente, conflitos raciais, agressão, catástrofes, morte, escapismo, o cerco da tradição, soluções pessoais, a caminho da emancipação das bestas de carga, a liberação da mulher, da criança, da juventude e do corpo, a mobilidade e a comunicação crescentes, o aumento também da solidariedade e da integração, e outros modos de chegar ao conhecimento de nossas grandezas e mesquinhas. Um tema aberto ao otimismo, mas feito de todos os contrastes e contradições que nos avisam de como o mundo está longe ainda de seu paraíso. "Se a palavra *paraíso* tem algum sentido, ele só pode consistir na humanização das condições de vida do indivíduo", nos diz ainda o mesmo Rochhuth.

Além do interesse e da importância que tudo isso traz para a exposição a inaugurar-se entre nós no dia 13, ela vem corresponder também a uma das raras constantes positivas que a temporada das artes visuais soube afirmar em 1977, no Rio: a presença da fotografia, nas mais diversas de suas possibilidades de utilização. Logo no início do ano, a Galeria Grafitti montou uma das melhores mostras do período, reunindo duas dezenas de jovens fotógrafos brasileiros, de diferentes Estados. Mais tarde, no MAM, Luiz Alphonsus, um dos nossos primeiros artistas a deter-se na fotolinguagem, continuou demonstrando a sua predileção por tomar a fotografia como ponto de partida para desenhos, pinturas e gravuras. Ao lado dessas duas manifestações principais, viu-se, a cada mês, museus, galerias e locais de variada espécie, na cidade, abrir uma ou mais amostragens concentradas ou apoiadas nos recursos fotográficos. Agora, com a 3a. Exposição Mundial de Fotografia, no Parque Laje, o panorama se completa. E da maneira que todos devemos sempre desejar: propondo que nossos olhos não apenas vejam, mas caminhem a visão até o pensamento. O valioso é que essas imagens, com seus brilhos ou seus gritos, nos empurram a pensar — primeiro estágio do agir correto.



República Federal da Alemanha (Abisag Tullmann)



República Federal da Alemanha (Max Scheler)